

MEMÓRIAS DE INFÂNCIA: BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA VILA OPERÁRIA MINEIRA DA PRÓSPERA (1940 - 1950)

MEMORIES OF CHILDHOOD: TOYS AND GAMES IN VILA OPERÁRIA MINING OF PRÓSPERA

Diane Pereira Guerreiro Medeiros¹

Marli de Oliveira Costa²

RESUMO: Esse artigo aborda algumas lembranças de infâncias na Vila Operária Próspera entre os anos (1940 – 1950). O objetivo é compreender como as pessoas que eram crianças no tempo investigado viveram suas infâncias. A metodologia foi à consulta as entrevistas realizadas por uma professora da Unesc, durante sua pesquisa de mestrado. Para abordar o tema utilizo como categorias: Infância, criança e memória. Além dessas categorias precisei consultar a história desta vila. Assim, os autores e autoras consultados foram: ARIÉS (2006), BOSI (1994), BOSI (2005), COSTA (1998), COSTA (1999), FANTIN (2000), OSTETTO, COSTA e BERNARDO (2004). De forma geral, foi possível analisar a maneira que as crianças lidavam com os brinquedos e brincadeiras no período investigado, a relação que tinham entre pares etários, e os costumes e valores das famílias da vila Operária Próspera, que eram representados nas brincadeiras.

Palavras-chave: Memórias. Infância. Brinquedos. Brincadeiras.

ABSTRACT: This article approaches some memories of childhoods in the Vila Operária Prosper between the years (1940 - 1950). The goal is to understand how the people who were children in the time investigated lived their childhoods. The methodology was to consult the interviews conducted by an Unesc teacher during her master's research. To approach the theme I use as categories: Childhood, child and memory. Besides these categories I had to consult the history of such a village. Thus, the authors consulted were: ARIÉS (2006), BOSI (1994), BOSI (2005), COSTA (1998), COSTA (1999), FANTIN (2000), OSTETTO, COSTA and BERNARDO (2004). Overall, it was possible to analyze the way the children dealt with the toys and games at that time, the relationship they had between age couples, and the customs and values of the families of Villa Operária Prosper, who were represented in the games.

KEYWORDS: Memories. Childhood. Toys. Games

¹ Graduanda do curso de Pedagogia pela Unesc. Email: diane_pg92@hotmail.com.

² Doutora em Educação. Professora dos cursos de Pedagogia e História e do Mestrado de Educação da UNESC. Email: moc@unesc.net.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº2, julho/dezembro 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo trata de uma investigação sobre algumas entrevistas que foram realizadas com moradores da antiga Vila Operária Próspera, no sentido de discutir suas infâncias. As pessoas entrevistadas nasceram entre (1908-1946) sendo que algumas viveram suas infâncias em torno da década de (1940-1950) e outras foram mães e/ou educadoras das crianças. O problema da pesquisa buscou responder a seguinte indagação: Como as crianças que viveram na vila operária mineira Próspera organizavam seus brinquedos e brincadeiras diante da realidade espacial da vila? O objetivo desse estudo é: compreender de que maneira as crianças que viveram na vila operária mineira Próspera organizavam seus brinquedos e brincadeiras.

Meu interesse na temática deu-se porque compreendo que é importante conhecer a história das infâncias no passado. Entendo que para a pedagogia conhecer como se vivia a infância em uma temporalidade distante da que vivemos, nos ajuda a perceber as mudanças e o que permaneceu. Nesse sentido, apesar da distancia temporal, a escolha pelo tema brinquedos e brincadeiras mostra que a necessidade de brincar está presente em outras gerações.

A pesquisa apresenta abordagem qualitativa, de caráter documental, na qual, os dados foram obtidos de entrevista realizadas entre 1996 a 1998, por uma pesquisadora que atualmente é professora na UNESC. Quanto à natureza da pesquisa é caracterizada como básica entrelaçando o problema. O recorte da pesquisa tem a ver com as datas de nascimento das pessoas entrevistadas que viveram suas infâncias na respectiva Vila, no entanto utilizo também duas outras entrevistas: De uma mãe e de uma religiosa que trabalhou na Vila Operária realizando trabalhos educativos com as crianças. Os entrevistados (as) foram sete pessoas, sendo um homem e seis mulheres. Todas as entrevistas foram concedidas à Marli de Oliveira Costa, entre 1996 á 1998.

Quanto ao objetivo da pesquisa é de cunho descritivo, pois apresenta informações já analisadas, um levantamento bibliográfico e as entrevistas das pessoas que relataram as suas lembranças.

Lembranças estas que a memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. (BOSI, 2005, p.11).

Para analisar as lembranças utilizei as categorias de memória, infância e brinquedos e brincadeiras. Para discutir o conceito de memória foi utilizado como referência: Bosi (2005). Para compreender o conceito de infância a partir das lembranças necessitou-se de: Ariés (1981) e Fantin (2000). Ainda revisitou-se o contexto histórico da vila operária usando: Costa (1998) Costa (1999) e Ostetto, Costa e Bernardo (2004).

O trabalho foi dividido da seguinte maneira: no primeiro momento apresento a formação da vila operária mineira da Próspera e seu contexto histórico. No segundo momento, apresento reflexões que envolvem brinquedos e brincadeiras em relação ao conceito de infância e criança. E no terceiro momento mostro as lembranças das entrevistadas e o modo de como elas agiam frente aos brinquedos e brincadeiras.

2 A VILA OPERÁRIA MINEIRA DA PRÓSPERA NO TEMPO DAS INFÂNCIAS DAS PESSOAS ENTREVISTADAS

A antiga Vila Operária Mineira Próspera situava-se onde hoje se encontra o bairro Próspera. Para quem vem do centro de “Criciúma pela Avenida Centenário, depois do posto de gasolina “Ipiranga” encontrará o limite que marca o início do Bairro Próspera. Seguindo esta direção chegará ao seu limite final, no atual terminal urbano da Próspera.” (COSTA, 1999, p.30).

A Carbonífera Próspera foi fundada em 1920, por empresários de Urussanga e Cocal, recebendo a denominação de Sociedade Carbonífera Próspera S.A., quando alguns mineradores criciumenses se associaram a esses empresários.

O historiador Mário Beloli destaca a instalação da Carbonífera na região da Próspera na edição de 28/01/1998 do Jornal da Manhã: “A sede da Cia foi instalada em uma propriedade de 404.503 metros quadrados, localizada no lote A, nas estradas da Linha Anta, adquirida em 1922, do agricultor Antônio Benedete.” Neste local, até a década de 1990, funcionou o escritório da empresa, perto das primeiras “bocas” de minas, local em que se construiu a Vila Operária. (COSTA, 1999, p.41).

Em 1924, a CIA foi vendida para um grupo de empresários do Rio de Janeiro e,
Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº2, julho/dezembro 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

Em 1927, os trabalhos da mineradora foram parcialmente interrompidos em função da deficiência do transporte marítimo e ferroviário, sendo que a crise da bolsa de valores de 1929 abalou ainda mais a estrutura da empresa. Em 1938, Jorge da Cunha Carneiro e Júlio Gaidizinski, empresários estabelecidos na cidade de Criciúma, assumiram o controle acionário. (COSTA, 1999, p.42).

Segundo Costa (1999, p.38), “antes da mineração a vila era composta por habitantes que trabalhavam na roça e desta terra germinavam grãos e frutas para alimentação, o que não era suficiente, muitos precisaram trabalhar em outros lugares.” A mineração nesse local corresponde à mineração em toda a região carbonífera e a cidade de Criciúma:

Os registros oficiais da cidade de Criciúma datam que o carvão foi descoberto em 1913 e sua exploração deu-se a partir de 1917. A exploração deste minério atraiu para a cidade um grande contingente de operários que veio trabalhar nas minas. A vinda destas pessoas foi facilitada pela construção de um ramal da Estrada de Ferro D. Teresa Cristina, pois esta ferrovia ligava os Portos de Imbituba e Laguna até Araranguá. (COSTA, 1999, p.39).

O transporte da ferrovia era para carvão e passageiros, porém o carvão tinha prioridade. Neste mesmo tempo, “depois de divulgarem que havia trabalho fixo, pessoas de vários lugares começaram a vir trabalhar na mineração.” (OSTETTO; COSTA; BERNARDO, 2004, p.103).

Na década de 1930, foram construídas as primeiras casas da Vila Operária da Próspera, pelos empresários. A Vila Operária Mineira Próspera era assim chamada, porque foi organizada de modo a abrigar os trabalhadores das minas de carvão e suas famílias pela empresa mineradora. Antes de ser minerada, esse local era habitado por imigrantes e descendentes de italianos, alemães e poloneses.

O problema da habitação, fez com que os empresários mineradores, estabelecidos na cidade, organizassem a construção de casas para abrigar os mineiros e suas famílias da seguinte forma:

As casas das Vilas Operárias em Criciúma seguiram o modelo das empresas capitalistas de outros centros urbanos, onde as moradias eram construídas próximo às fábricas. A mineração construiu as casas perto das “bocas de minas”. No caso da Próspera, as construções deram-se em torno do escritório. (COSTA, 1998, p.44).

A denominação vilas operárias, se deu porque as casas populares foram construídas junto às fábricas do trabalho. (COSTA, 1998). Assim, era mais fácil o acesso dos trabalhadores, para as empresas isso seria mais viável, no sentido que, formando minicidades, as pessoas não precisariam sair para ir buscar suas necessidades fora das vilas, o que garantia maior controle dos operários pelas empresas. No primeiro momento foram construídas casas bem pequenas, com três ou quatro quartos.

As casas eram pequenas, de um quarto apenas, uma sala e uma cozinha. Na maioria das casas, a luz era de gás do carbureto que eram utilizados nas minas. E a água era retirada do poço e nos fundos das casas havia patentes, pois, não tinham banheiro dentro das casas. Além da moradia os empresários ofereciam recursos sem que os operários precisassem sair da Vila: açougue, armazém, escola e água potável, a caixa de socorro, que atendia auxílios funerais e acidentes de trabalho, entre outros. (COSTA, 1999).

Alguns dos recursos que os empreendedores buscavam para dispor a sociedade, era a questão de higiene e moradia das famílias operárias. Porque se essas famílias tivessem condições de moradia, assim, melhor seria o seu rendimento no trabalho. (OSTETTO; COSTA; BERNARDO, 2004, p.110).

Porém, em torno das fábricas, “havia muito pó era tudo muito sujo, muita pobreza e muita sujeira, dava impressão de miséria.” (Ir. Cláudia)³. Ambiente gerador de doenças, todavia ser gerador de revoltas. A ideia era que uma casa decente e confortável levaria os operários a uma disciplina capaz de produzir mudanças nos hábitos e comportamentos da população carente. (COSTA, 1998). Por isso, uma das iniciativas dos empresários foi melhorar as condições de moradia. Para os mineradores de Criciúma:

Num primeiro momento, uma habitação saudável, confortável, significava “abrigo”. As pessoas vinham trabalhar e não tinham onde morar. Em volta das minas, a Empresa construiu as casas dos mineiros. Com o passar do tempo, “conforto” não significou apenas abrigo, mas cômodos adequados para que o mineiro pudesse repousar e passar algumas horas dentro de casa. Por isso, sob a ótica médica e higienista, ao menos na Vila Operária Próspera, as casas dos operários mineiros ativos, pouco a pouco, foram sendo substituídas. As casas de três cômodos deram lugar a casas com cinco cômodos. (COSTA, 1999, p.49).

³ Irmã Cláudia é uma freira da Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência que veio trabalhar na Vila Operária Próspera em 1955 em uma parceria com a empresa mineradora. Na época CSN, o Serviço Social da indústria- SESI. Entrevista concedida à Marli de Oliveira Costa em 1996.

Na década de 1940 o número de famílias em busca de emprego aumentou e as casas da vila não eram suficientes. Moravam com parentes, improvisavam uma habitação e aguardavam uma casa da Companhia ser desocupada para tentar entrar. Francisca Nazário conhecida como dona Chiquinha (1996) recorda:

Nós viemos para Criciúma em 19/09/1942. Aqui nós tivemos os filhos e criamos todos. Nós tivemos uma semana com parentes, depois nós compramos um barracinho de palha de pau-a-pique, na rua Amazonas, depois nós se mudemos para beira da mina e depois nós fomos para outra casinha de palha, mais melhor, tinha assoalho. 300 mil réis custou, era de palha de moro, palha tecida na ripa, e depois cobria, era uma esteira, não chovia dentro nada.⁴

Ocorre que nesta década, 1940 os incentivos do governo federal a mineração foi fortemente impulsionado tendo por consequência a expansão das atividades carboníferas. Para Nascimento (2004, p.51) “o carvão, foi o motivo e o estímulo para a definição da região. Porém, a partir dele é que se estabeleceram relações de poder que possibilitaram a definição daquilo que se convencionou chamar região carbonífera.” Diz ainda Nascimento que [...] com o crescimento das atividades a carbonífera, foi estabelecendo uma radical transformação na paisagem regional, que foi cada vez mais tendo as marcas da extração do carvão.” (NASCIMENTO, 2004a, p.57). Assim, na década de 1970 a paisagem de carvão da Próspera era configurada pelo cheiro de enxofre no ar, poucas árvores e cobertas de pó.” (COSTA, 1999, p.28).

Nascimento (2004) ao se debruçar sobre a configuração espacial de Criciúma no período da extração do carvão coloca que, “a mina, a vila operária, o escritório da carbonífera e a estrada de ferro foram elementos espaciais características desse período, a partir dos quais se formou o espaço urbano na época da mineração.” (p.391).

No entanto, havia divisão de classe social quanto aos locais de moradia, Costa (1999) descreve que os engenheiros da Carbonífera Próspera não moravam na Vila Operária, mas na vila dos engenheiros.

Os estudos sobre as moradias operárias mostram que nessas vilas pode-se perceber de um lado à ordem inventada pelos empresários, de outro as experiências dos usuários, nos deslocamentos, nas improvisações diante das condições oferecidas por aqueles

⁴ Relato de Francisca Nazário. Entrevista concedida a Marli de oliveira Costa, 1996.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº2, julho/dezembro 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

que dominam o capital. (COSTA, 1998, p.49). Ou seja, as famílias operárias reinventaram seu local de moradia.

Das lembranças de alguns relatos pode-se dizer que o trabalho era dividido para todos, incluindo mulheres e crianças. Os homens geralmente trabalhavam em baixo nas minas ou em outra função na mineradora. Algumas mulheres, quando solteiras na escolha do carvão, depois de casadas nas lidas domésticas. E as crianças iam para escola e faziam algumas tarefas em casa, como cuidar dos irmãos menores, buscarem lenha e água.

Segundo Ostetto, Costa e Bernardo (2004, p.108) “as famílias eram bastante numerosas, cada família tinham em média de três a dez filhos. E de acordo com algumas fichas funcionais, alguns homens que eram pais, tinham idade de 18 anos, isso, quer dizer, que ainda era bem provável o número crescente de filhos. ”

Com esse fluxo intenso de casamentos e crescentes de famílias a mineração da Carbonífera se expandia consideravelmente e os filhos dos mineiros eram os que ocupavam os lugares dos pais nos trabalhos de extração do carvão, pois a mineração aposentava em 15 anos de trabalho no subsolo. (COSTA, 1998, p.81).

Sobre os espaços da vila além da casa, as ruas eram tomadas por crianças todos os dias, tanto para brincadeiras quanto para atividades remuneradas. O ambiente em que essas crianças moravam eram espaços bem pequenos, por este motivo as crianças frequentavam mais as ruas. Na lembrança de Irmã Cláudia: “as crianças andavam na rua, podia subir o morro, você enxergava um estrelado de crianças.” (MEIS, 1998). Segundo Costa (1998, p.77):

As crianças cresceram na Vila e tiveram em sua formação a presença de um ambiente degradado pelo carvão, casas, cujas paredes não as isolavam da rua. Conviveram com o trabalho nas minas por meio de seus pais. Foram apresentadas a uma religião que estabeleceu castigos e recompensas, na imagem do inferno e do céu, por meio dos catequistas.

Para tanto, essas crianças aprendiam costumes e valores familiares, e restritos ao ambiente em que viviam rodeados pelas minas.

3 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE OS CONCEITOS DE INFÂNCIAS E CRIANÇAS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

Como esse estudo trata dos brinquedos e das brincadeiras, procurou-se mostrar nas discussões dos conceitos de infância e criança como essas atividades foram pouco a pouco pertencendo apenas ao mundo das crianças.

É necessário discutir sobre as relações entre conceito de infância e conceito de criança, para entender que são conceitos diferentes. O termo criança é uma realidade biológica e psicológica, todos que nascem passam por este período, segundo Kuhlmann e Fernandes (2004):

Pode essa realidade ser capturável como sujeito, no exterior do conjunto de instituições (família, instâncias assistenciais e escolares, condições de existência aferentes à etnia, ao gênero, a classe social, às disponibilidades cognitivas, etc.)? Se a criança é definida como um dever ser, inventado no decorrer da história, como surpreendê-la senão à contra-luz das representações e práticas que a promovem?

Assim, se a criança não tem as suas próprias percepções, a não ser vista pelo olhar e condição do adulto, o modo mais viável de tentar entender a criança como sujeito próprio é compreender historicamente o que é ser criança e ter infância. Ariés (1981) diz que o conceito de infância foi construído historicamente, tomando como ponto de partida um sentimento de infância que não existia antes da modernidade:

O sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes. (ARIÉS, 1981, p.156).

Ariés (1981), fala da Idade Média em que as crianças viviam misturadas no mundo dos adultos. Sobre essa questão Fantin (2000, p.34), diz que “o fato de as crianças participarem em pé da igualdade nas atividades com os adultos – que também inclui o trabalho, as festas, a dança e a música – devia-se à imagem de criança que se tinha na época.” Pois, as crianças eram vistas como adultos em miniatura, e não tinham a valorização que era necessária enquanto criança.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº2, julho/dezembro 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

Para o reconhecimento da criança no meio familiar e na sociedade foi necessário modificar a educação, (FANTIN, 2000), pois, se a criança começasse a ser vista diferente do adulto, necessitaria de um tratamento diferenciado. Uma das primeiras iniciativas da sociedade em relação à separação das crianças do mundo dos adultos, foi a construção dos divididos em s classes escolares, de acordo com a idade dos alunos, a partir do século XV idades. (Ariés, 1981)

No início do século XIX, emergem inovações pedagógicas, porém, é no século XVIII, que explode a ideia e os valores relacionados à infância, vendo e percebendo a criança com outro olhar. (FANTIN, 2000). Olhar este que percebe a criança com necessidades de atenção, cuidado e carinho, pois é na nesta fase que a criança desenvolve o cognitivo.

A construção de uma descoberta de infância deu-se com o Renascimento Italiano no século XV, onde as imagens das crianças começaram a aparecer diferenciadas das dos adultos, e foi no século XVII, no Ocidente, que o brincar foi evidenciado como atividade da infância. ” (FANTIN, 2000, p.33). Pois, antes, em outros momentos as brincadeiras e jogos eram destinados aos homens que competiam sem haver separação entre elas, o que era comum para as crianças e adultos.

Conforme Ariés (1981, p.88):

Ao fazer uma análise histórica dos jogos e brincadeiras desde o século XVII, observa que os adultos participavam de jogos e brincadeiras que hoje reservamos às crianças e estas, por sua vez, jogavam os mesmos jogos e participavam das mesmas brincadeiras dos adultos.

Neste sentido, alguns brinquedos e acessórios de determinados jogos foram deixados às crianças, talvez para que continuassem a manter sua atenção, uma vez que os brinquedos despertavam alguma aproximação com o universo dos adultos. (ARIÉS, 1981).

Porém, esses brinquedos que eram reservados às crianças, já haviam pertencido ao mundo dos adultos, dou como exemplo o cavalo que em uma época era o meio de transporte, e para a criança é o cavalo de pau como brinquedo, sendo alguns desses brinquedos reflexos do mundo adulto. Segundo Ariés (1981, p.92) “a brincadeira atingiu a primeira infância, anterior aos três anos, a partir desta idade as crianças jogavam os mesmos jogos e

participavam das mesmas brincadeiras dos adultos, quer entre crianças, quer misturado aos adultos. ”

Na atualidade como reflete Ariés (1981, p.270) “a criança tornou-se um elemento indispensável da vida cotidiana, e os adultos passaram a se preocupar com sua educação, carreira e futuro. ” Assim, a imagem do brinquedo contemporâneo traduz na criança:

Uma imagem cultural que lhe é particularmente destinada, pois antes mesmo da manipulação lúdica estes objetos culturais e sociais são portadores de significações, significações culturais originadas numa determinada sociedade e que também vão incidir sobre a própria forma de representação. (FANTIN, 2000, p.58).

Atualmente com toda tecnologia, os brinquedos prontos estão cada vez mais impregnados na sociedade, inclusive na vida das crianças retirando a criatividade diante do objeto. Assim, o termo brinquedo para Fantin (2000, p. 56), tem como significado, “objeto que é sempre suporte da brincadeira, ou seja, é um objeto específico com uma imagem projetada, sendo que a função do brinquedo é a brincadeira. ”

Já a definição de brincadeira é entendida como “uma atividade universal se constitui pela interação de vários fatores presentes em determinados contextos históricos, pela própria ação do indivíduo e por suas produções culturais e tecnológicas.” (FANTIN, 2000).

Para Fantin (2000, apud BROUGÈRE, 1995, p.58) “no brinquedo o valor simbólico é a função, e na brincadeira há uma associação entre uma ação e uma ficção, um sentido dado à ação lúdica, uma vez que a brincadeira não se limita ao agir.” Assim, ao criar um brinquedo a transformação se dá relativamente ao produto representado influenciando de maneira lúdica na criança.

Porém as crianças do passado não tinham tantos brinquedos como as de hoje, principalmente as crianças pobres e, precisavam ter mais criatividade no momento de brincar, como recorda Dona Zulma Martins Crispin⁵ “no tempo de menino Jesus nós ganhava boneca de papelão e os meninos gaitinha e flautinha.” (CRISPIN, 1998). Ou ainda uma pessoa de mais idade que Zulma, Dona Josina Maria da Conceição⁶ afirma que “os brinquedos eram

⁵ Lembrança de Dona Zulma, entrevista concedida em 1998 à Marli de Oliveira Costa.

⁶ Relato de Josina Maria da Conceição, entrevista concedida em 1996 à Marli de Oliveira Costa. Porém, Josina não teve sua infância nesta época, mas relatou o que fazia para seus filhos.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº2, julho/dezembro 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

brinquedos de galinhos de mato, boneca de pano com sabugo de milho, para os meninos carrinhos de carretel.” (CONCEIÇÃO, 1996).

E na maioria das famílias era dessa maneira que as crianças tinham os seus brinquedos na primeira metade do século XX, feitos em casa com a utilização de qualquer tipo de objeto e de como utilizar, Fantin (2000, p.44) argumenta ainda que:

A comunicação da criança se intercala na interação prática com os adultos e isso é uma condição importante para o desenvolvimento de ações com os objetos que são inicialmente orientados pelos adultos. As ações com os objetos e os modos sociais de utilizá-los na história são aprendidas pelas crianças sob a direção do adulto, que muitas vezes oferece também modelos de ação.

A partir do momento que as crianças foram sendo tratadas de forma diferente dos adultos, as sociedades também elegeram o que deveria pertencer ao mundo delas. Entre as especificidades encontram-se poder brincar e ter brinquedos.

4 BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NAS VOZES DOS NARRADORES E NARRADORAS DA VILA OPERÁRIA

Para mostrar como as pessoas que eram crianças na Vila Operária Próspera entre 1940-1950 brincavam, apresento em um primeiro momento os narradores e discuto os trabalhos de memória. Sobre os narradores, o quadro abaixo mostra seus nomes, locais de nascimento e datas das entrevistas.

| NOME | DATA E LOCAL DE NASCIMENTO | DATA DA ENTREVISTA |
|------------------------------|--|---------------------------|
| Rosária Meis Sanches Costa | 1939 | 1998 |
| Maria Vicentina de Freitas. | Nasceu em Pitangui, Minas Gerais em 1926. | 1996 |
| Josina Maria da Conceição | Nascida em 1908, na Urussanga velha. Veio para a Próspera em 1940. | 1996 |
| Lurdes Daré Pizzetti Machado | Nasceu na Próspera 1943. | 1998 |
| Zenaide Figueira | Nasceu em Araranguá, em 1946. Com 3 anos veio para a Próspera. | 1996 |
| Zulma Martins Crispin | Nascida em 1930. | 1998 |
| José da Silva | Nasceu em Ribeirão Grande, distrito de Laguna em 1945. Veio para Próspera com a família em 1956. | 1997 |

Fonte: Dados de pesquisa, 2017

De certa forma os entrevistados/as que eram crianças na época:

Cresceram na Vila e tiveram em sua formação a presença de um ambiente degradado pelo carvão. Habitaram casas, cujas paredes não as isolavam da rua. Conviveram com o trabalho nas minas por meio de seus pais. Foram apresentadas a uma religião que estabeleceu castigos e recompensas, na imagem do inferno e do céu, por meio dos catequistas. Foram Alfabetizadas por uma professora que seguia com rigor a aprendizagem através de castigos corporais e estabelecimento de regras de conduta. Tiveram seu tempo livre ocupado com atividades dirigidas pelas freiras trazidas pela Empresa; ambas buscaram moldar o comportamento, principalmente, dos meninos, atrelando-o as normas de higiene, saúde e moral, constituídas pelo 'saber médico'. (COSTA, 1998, p.87).

Para entender as lembranças dos narradores que vou citar mais adiante, necessitam-se da compreensão dessas memórias, que vai além do simples falar, é muito mais que isso, é recordar, é repensar. No entanto, para Bosi (1994, p.39) “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento - lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutar infinito.”

Neste sentido, ouvir as pessoas é iniciar um processo de aprendizagem com suas experiências. Principalmente as vozes de pessoas mais velhas, que por sua vez, já viveu histórias e momentos bons ou ruins:

Uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade. (BOSI, 1994, p.60).

Os pesquisadores/as que se debruçam sobre as memórias dos velhos, necessitam ter sensibilidade:

Uma lembrança é diamante puro que precisa ser lapidado pelo espírito [...] nela cresce a nitidez e o número das imagens de outrora, e esta faculdade de relembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora. (BOSI, 1994, p.81).

Essas memórias são experiências que perpassam de tempo em tempo, transformando não só o momento da lembrança, mas de uma história de “uma experiência que passa de boca em boca” (BOSI, 1994, p.84) e no profundo do narrador. “O narrador vence suas distâncias no espaço e volta para contar suas aventuras num cantinho do mundo onde suas peripécias têm significações - o narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam.” (BOSI, 1994, p.85). Sendo que a criança também “recebe do passado não só os dados da história escrita; mas, mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização.” (BOSI, 1994, p. 73).

Assim, em relação aos narradores deste trabalho, a memória, a socialização, e as experiências, afloram lembranças antigas nas vozes de ‘velhos’. Tais vivências são vinculadas aos brinquedos e brincadeiras.

4.1 ENTRE BRINCADEIRAS E BRINQUEDOS: CRIATIVIDADE E LIBERDADE

Para nos aproximarmos da situação imaginária, referente às lembranças, é necessário um desenvolvimento de histórias, culturas e lembranças. E é neste momento que brinquedos e brincadeiras, fazem parte dos relatos.

“As brincadeiras eram brincadeiras de rodas, brincadeiras de pegar, de esconder, eram meninos e meninas todos juntos.” “Nós brincávamos na rua, no quintal, fazia amarelinho, jogava bolinha de gude, casinha, cozinhadinho.” (MEIS, 1998)⁷. “As crianças brincavam sobre montanhas de rejeito de carvão.” (FREITAS, 1996).

Nestas lembranças podemos perceber que as crianças se divertiam com brincadeiras de ruas, construídas por sua cultura histórica e social. Para Fantin (2000, p.70) “resgatar a história dos jogos infantis, como expressão da história e da cultura, pode nos mostrar estilos de vida, maneiras de pensar, sentir e falar e, sobretudo, maneiras de brincar e interagir, configurando-se em presença viva de um passado no presente.” Não se pode negligenciar a importância do histórico cultural das famílias que vieram para a região da

⁷ Entrevista de Rosária Meis Sanches Costa, entrevista concedida em 1998 à Marli de Oliveira Costa.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº2, julho/dezembro 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

Próspera, eram famílias de vários lugares e com experiências e culturas propriamente diferentes.

No entanto, por morarem muito próximas umas das outras e terem que trabalharem juntos, as crianças estavam em todos os momentos agrupados. Como mostra a lembrança de Lurdes Daré Pizzetti Machado:

Era tudo uma criançada que brincava tudo junto com os filhos dos operários, nós ia pra lá, eles vinham pra cá. Nos domingos a gente se juntava, fazia jogo de vôlei, de peteca tudo junto menino com menina. [...] brincava o dia inteirinho nas estradas de arco – ficava até tarde da noite nos postes. (MACHADO, 1998).

Porém, nem todos os pais permitiam que seus filhos brincassem nas estradas ou matos, como recorda Josina Maria da Conceição - “Eu não deixava meus filhos brincar fora, era tudo no terreiro, eles brincavam de roda, ratoeira, de andorinha, varre, varre vassourinha com a vassoura da rainha.” (CONCEIÇÃO, 1996). É perceptível que os costumes e comportamentos variavam entre os grupos.

Já em outro relato Dona Rosária Meisdiz que - “as crianças brincavam na rua, andavam descalças.” - “umas famílias assim mais organizadas, talvez pelo estilo de vida que tiveram ou pela educação, outras mais desleixadas.” (MEIS, 1998).

Quanto ao modo que as crianças da vila operária mineira Próspera organizavam os brinquedos e brincadeiras, variavam entre elas. Das lembranças retiradas dos relatos, há muitas brincadeiras e jogos em meio às diversas culturas, Fantin afirma que, “o jogo tradicional infantil é considerado parte da cultura e guarda a produção espiritual de um povo em determinado tempo histórico.” (2000, p.68).

Segundo Kishimoto (1993) conforme citado por Fantin (2000, p. 68):

O jogo tradicional infantil é um tipo de jogo livre, espontâneo, no qual a criança brinca pelo prazer de o fazer. Por pertencer à categoria de experiências transmitidas espontaneamente conforma motivações internas da criança, ele tem um fim em si mesmo e preenche a dinâmica da vida social, permitindo alterações e criações de novos jogos.

Dessa maneira, os humanos vivem, acumulam e transmitem suas experiências de geração a geração, levando em conta os acúmulos de bens ao longo dos séculos. (FANTIN,

2000). Enfim, por todo esse bem acumulado à humanidade dá sequência ao modo de vida que vai se transformando a cada ano que passa.

As maneiras de jogar e brincar e as relações entre pares etários parecem mais livres nesta época, no sentido de que, parecia não haver receio de deixar meninos e meninas brincarem juntos ao menos nas lembranças de Zenaide Figueira. “Os meninos brincavam misturado junto com as meninas, naquele tempo não tinha malícia.” (FIGUEIRA, 1998)⁸. Sobre a ideia de malícia, referente às questões sexuais, Lurdes Daré Pizzetti Machado recorda que, “nenhum falava besteira para o outro, a gente se criava, chegava pelo menos 15, 16 anos perto de casar não sabia nada de besteira, a gente era tudo inocente, a cabeça não pensava nada de besteira.” (MACHADO, 1998)⁹.

No entanto, como afirma Bosi (2005), ao recordar, selecionamos, e ao relatar nossas lembranças, relatamos o que consideramos que devemos expor, pois há necessidade de se preservar a imagem de quem rememora. Assim, é possível que essas relações não fossem tão puras como colocam as narradoras.

Dos brinquedos desta época, a maioria era produzida pelos pais ou pelas próprias crianças. Havia brincadeiras de todos os tipos, na rua era: amarelinha, bolinha de gude, cozinhadinho, de roda, de pegar, de esconder, dentro de casa era: brincadeiras de escrever e casinha, o lúdico tomava conta das crianças, pois, mesmo sem brinquedos prontos, arrumavam pedaços de paus, borracha e criavam estilingue, corriam para os matos caçar e lá se divertiam. Dona Lurdes Daré Pizzetti Machado lembra que catavam folhas de coqueiros para escorregar –“nós éramos pequena eu e minha irmã, nós pegávamos essas canoas de coqueiro e aí lá em cima na “Ponta da Pedra” brincar de escorregar... Nós brincávamos o dia inteirinho na Ponta da Pedra, de escorregar com a canoa de coqueiro.” Entre as brincadeiras, tinham as travessuras, Dona Rosária fala de um açude que havia onde hoje se situa a Praça da Chaminé, –“as crianças esperavam as mulheres lavarem as roupas nos coxos, assim que iam embora, eles pegavam o coxo, colocavam no açude e seguiam até o outro lado para pescar.” (MEIS, 1998). As crianças se distraíam e se divertiam desta forma, transformando um objeto em brinquedo, assim, se ocupando de tal maneira.

⁸ Relato de Zenaide Figueira. Entrevista concedida em 1996 à Marli de Oliveira Costa.

⁹ Lurdes Daré Pizzetti Machado. Entrevista concedida em 1998 à Marli de Oliveira Costa.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, n^o2, julho/dezembro 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

Quanto à relação de tempo e educação dessas crianças, algumas iam para escola outras trabalhavam enchendo os vagões de carvão, também ficavam em casa ajudando suas mães ou levando comida para seus pais nas minas, quando não, brincavam nas ruas. As crianças permaneciam mais nas ruas, segundo Costa (1998, p. 80):

Convivendo com outras crianças, brincando em grupos, por entre brinquedos e brincadeiras, trapaças e jogos, iam ganhando alguns trocados para ajudar nas despesas da família e formando suas personalidades. Bastava um olhar sobre as crianças na Vila e logo se percebia que a maioria estava sem escola.

Por isso, as freiras da Congregação da Pequenas Irmãs da Divina Providência dedicaram-se a trabalhar com estas crianças.

4.2 QUANDO O TEMPO DE BRINCAR É REGULADO PELAS FREIRAS

Por conta das freiras da Congregação da Pequenas Irmãs da Divina Providência que vieram trabalhar com os operários da Vila Operária Próspera em, 1955, a convite da Carbonífera Próspera S.A. através do Serviço Social da indústria-SESI, para realizar trabalhos referentes à higienização das famílias. Algumas freiras começaram a dar catequese e realizavam atividades com as crianças.



Fonte: Crianças no quintal das freiras. Década de 1950. Álbum de Elisa.

As freiras faziam trabalhos com as mulheres, porém se dedicavam mais às crianças, José da Silva¹⁰ lembra que foi uma época boa enquanto as freiras estavam pela vila,

¹⁰ Lembrança de José da Silva, concedida em 1997 á Marli de Oliveira Costa.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº2, julho/dezembro 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

–“nascia uma criança, elas iam na casa da mãe fichavam a criança e davam toda a orientação para a mãe, como a mãe devia tratar a criança, se elas encontravam uma criança na rua...” (SILVA, 1997). Todos os trabalhos e atividades executadas pelas freiras tinham um propósito de organizar e de instruir essas crianças.

O trabalho das freiras se concentrou, então, em criar alternativas para as crianças saírem das ruas, as freiras criaram times de futebol, coral infantil, banda de música e teatro, essas foram atividades que envolviam as crianças, e de certa forma, já ajudaria a disciplinar elas. (COSTA, 1998, p.86).

Na lembrança de Irmã Cláudia, nos times de futebol: - “Nós que organizava. E o Nilo¹¹ treinava. E quando não tinha ninguém para apitar, eu ia, - a gente era pau para toda obra.” (FREITAS, 1996). O coral infantil, que era dividido entre meninas e meninos funcionava junto à catequese. Ir. Cláudia lembra que “dividia os trabalhos com outra freira, ficava trabalhando apenas com os meninos e coordenava o coral. Eram 16 meninos. O coro de meninos foi fundado em 1956, quando na ocasião da festa de São Sebastião, no mês de janeiro.” (FREITAS, 1996).

José da Silva recorda que a banda de música era muito solicitada, “no começo não tínhamos instrumentos. Treinávamos com pauzinhos. O maestro solfejava as notas e nós com os dedos fazíamos de conta que o pedaço de pau era um instrumento, abaixávamos e levantávamos os dedos como se houvesse ‘pistas’.” E o trabalho das freiras era valorizado, “tanto que a cidade se empenhou em contribuir para o sucesso da mesma -a bandinha tinha também um programa semanal na rádio Eldorado, chamado, “Bandinha Toca...Toca...Toca”.” (SILVA, 1997). Outras atividades realizadas pelas freiras foram de certa forma disciplinando essas crianças, para que não ficassem andando pelas ruas:

As Irmãs organizaram criação de coelhos e hortas comunitárias com as crianças. As crianças vendiam as verduras destas hortas pelas ruas. Além disso, as Irmãs brincavam com as crianças, pulavam corda, jogavam bola, promoviam gincanas, realizavam passeios com os meninos. (COSTA, 1999, 182).

Compreendo que as oportunidades não conseguiam alcançar a todos/as, porém, daqueles que alcançaram, tiveram em suas experiências de infância, adaptações e ordens. Quanto à lembrança dos entrevistados, a oportunidade de voltar a essas memórias, é de grande

¹¹Nilo de Oliveira, na maioria das vezes era quem organizava o jogo.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, n^o2, julho/dezembro 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

satisfação, não no sentido apenas de lembrar, mas, no sentido de poder refazer esses momentos que por uma vez foi e está no passado.

5 CONCLUSÃO

Os brinquedos e brincadeiras estiveram presentes em várias gerações de crianças. Esse trabalho destacou a realização dessas atividades na Vila Operária Próspera entre e os anos de 1940-1950. Foi possível perceber como foi organizada a vila, tendo como centro a mineradora que se instalou no local.

Quanto aos brinquedos e brincadeiras, nas lembranças das entrevistadas percebe-se que os pais produziam brinquedos para os seus filhos (as), ou até mesmo, as próprias crianças procuravam inventar suas brincadeiras e travessuras. No entanto, pude perceber que as brincadeiras do passado, tão pouco vistas no presente, mostram uma cultura social produzida na criança.

Outra experiência destas infâncias foi à presença das freiras na Vila Operária Próspera, os trabalhos que eram organizados por elas reeducavam essas. Ensinar regras que ajudaram na construção de valores. Das lembranças, destaco que foi importante conhecer o passado de cada entrevistado, na qual, nos mostraram lembranças e pensamentos a partir de uma experiência.

Deste modo, concluo esse estudo com grandes aprendizagens, penso ser importante realizar pesquisas sobre brinquedos e brincadeiras dos pais e avós dos meus futuros alunos e alunas em sala de aula, para que eles e elas também percebam as mudanças no modo de se viver as infâncias ou, o que permanece unindo as crianças em diferentes tempos, em meu entender o Brincar.

6 REFERÊNCIAS

- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **Tempos vivos e tempos mortos**, 2005.

COSTA, Marli de Oliveira. A Educação e a Criança da Vila Operária. Esboços. **Revista do programa de Pós-graduação em História**. V.6, p.109, 1998.

COSTA, Marli de Oliveira. **Artes de viver: Recriando e Reinventando Espaços - Memórias das Famílias da Vila Operária Mineira Próspera Criciúma (1945/1961)**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1999.

FANTIN, Mônica. **No mundo da brincadeira: jogo, brinquedo e cultura na educação infantil**. Florianópolis: Cidade futura, 2000.

KUHLMANN JR, M.; FERNANDES, R. Sobre a história da Infância. In: FILHO, L. M. F. (Org.). **A infância e sua educação: materiais, práticas e representações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NASCIMENTO, Dorval do. Agricultura e mineração na formação do espaço urbano de Criciúma. In. FILHO, Alcides Goulart (Org.). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

NASCIMENTO, Dorval do. A produção histórica e cultural da região carbonífera de Santa Catarina, 1880-1930. In. FILHO, Alcides Goulart (Org.). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004a.

OSTETTO, Lucy Cristina; COSTA, Marli de Oliveira; BERNARDO, Roseli. A casa e a vila: a família operária e a moradia na região carbonífera, 1913-1930. In. FILHO, Alcides Goulart (Org.). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.